

DISCUSSÃO SOBRE O MODO DE SOFRER NA ESTRUTURA PERVERSA

*Mariana Paiter Gozzo¹**Vitor Yuishi Correa Kurossaki²**Anna Isabel Araujo Vaz³***Resumo**

O presente trabalho é resultado da produção teórica desenvolvida a partir do Estágio Supervisionado Específico I: Políticas em Saúde, sob orientação psicanalítica, como parte do processo de ensino e aprendizagem. Visa-se nesta produção requerida para fins de conhecimentos técnicos-científicos a discussão sobre o fazer do analista e o sofrimento na cultura, sendo escolhido o tema dos modos de sofrer na estrutura perversa. Para tanto, foram utilizados conceitos que englobam as visões desde Freud à Lacan, bem como autores que embasaram suas argumentações nos ilustres precursores da psicanálise aqui referidos, sendo esses autores Sonia Alberti, Paulo Roberto Ceccarelli, Alberto H. A. Coutinho, Joel Dor, Geraldino A. F. Netto e Silvia L. Staccioli Castro, os quais articulam a relação da perversão mediante a sociedade, o desejo, e a posição do analista frente à disposição de uma análise com o sujeito perverso. Diante do exposto, busca-se romper a ideia da perversão em caráter de perversidade, compreendendo-a no sentido de articulação do desejo de um sujeito cujo gozo é onipotente e sem limite. Freud entende o funcionar do perverso mediante a denegação da castração, e buscou uma origem que desse conta de explicar a perversão à respeito da escotomização da percepção ao notar a diferença anatômica entre os sexos como uma realidade denegada. Diante do exposto, é importante ressaltar que a perversão é pautada na fixação para além do ato, com base no que se deixa de fazer em detrimento dessa fixação, e não mediante ao polimorfismo do desejo. Lacan por sua vez, entenderá as estruturas clínicas pela posição do sujeito frente à lei da castração, em que a perversão se dará na lei que o próprio sujeito entende a partir de si, cumprir a lei a sua maneira e, diante disso, desmenti-la no Outro, sendo a perversão, portanto, um fenômeno de linguagem e não um ato sexual. Para entender melhor o modo de sofrimento da estrutura perversa, é necessário primeiramente, compreender como esta estrutura se forma e isso ocorre na saída do complexo de Édipo juntamente com o fenômeno da castração. A relação do bebê com a função materna se dá inicialmente de forma homogênea, com o bebê tendo todos os seus desejos satisfeitos e gozo pleno, em que se reconhece como objeto fálico ao desejo materno. Instaura-se a castração e a questão fálica, apresentando a falta e a insatisfação, em que a criança nesta fase não renuncia de bom grado a sua posição, o que faz com que desenvolva psiquicamente reações defensivas para que a ameaça da castração seja neutralizada, seja por meio de fixações ou por denegação da realidade. Quando a relação passa a ser mediada pelo Nome-do-pai, que a criança vê como concorrente e detentor da resposta ao desejo materno, como função interditora e agente da lei simbólica, passa a querer legislar a lei como uma *père-version*, versão do pai. A compreensão pela psicanálise da estruturação perversa contribui na análise da perversão, pois a retira do âmbito moral (principalmente referente a retirada da homossexualidade como uma das variações de perversão ou posteriormente “parafilia”) e encara a partir de uma estrutura clínica, na utilização da linguagem e da relação do sujeito com seu desejo a partir de elementos da constituição psíquica, tendo esses acontecimentos reflexos na vida tanto social como particular desse sujeito. De fato, entende-se que a estrutura perversa pode ser constituída por comportamentos de perversidade, mas nem todo comportamento de perversidade significa ou indica que a pessoa em questão se constitui dentro de uma estrutura clínica perversa. O perverso tem uma insistência à transgressão, pois devido à recusa de reconhecer a falta, vive na angústia da castração que está instalada. Freud afirma que não se pode achar que a angústia tenha qualquer outra função, fora a ser um sinal de evitação a uma situação de perigo. Ora, se o perverso vive constantemente na angústia e evitação a situação do perigo, o sofrimento se torna constante e por isso tenta aliviar mesmo que parcialmente essa angústia, mesmo que seja desmentindo-a. Supõe-se que o sujeito na estrutura perversa dificilmente recorre à análise, pois a própria prática perversa o faz gozar, e aponta-se a dificuldade em se trabalhar com a estrutura na posição de

analista, uma vez que o mesmo é desqualificado da posição de suposto-saber e se depara com manifestações hostis que dificultam o processo da escuta, o analista se encontra como objeto real de gozo. Pode-se diferenciar a neurose da perversão pelo questionamento sobre o desejo, uma vez que na neurose procura-se saber o que se deseja, e a perversão por sua vez, é a mais direta resposta a esse desejo, diante disso, há o questionamento se para o perverso há demanda de análise, pois ao mesmo não há culpa ou dúvida, não há hesitação e há a repetição em plenitude, um sujeito em pleno gozo, que luta para manter a angústia no campo do Outro, como poderia ser evocado? É possível, desde que a relação com o gozar seja perturbada, há, portanto, a ruptura da montagem perversa que possibilita o emergir da angústia. Essa perturbação com o objeto de gozo pode ser percebida pelo sujeito perverso no defronte de sua negação com a realidade temporal que se impõe ao corpo, a decadência do corpo frente às encenações repetidas que o levam ao gozo podem inclusive fazer surgir uma demanda de análise. Para tanto, é possível perceber que a relação do perverso com seu objeto pode não ser somente atravessada pela lei ou pelo encontro com a realidade temporal que se encontra o corpo físico, mas também pelas relações estabelecidas com o objeto. Aí está o sofrimento para o perverso, ser impedido de gozar mediante sua relação com o objeto de gozo. Para tanto, na estrutura perversa o analista não ocupa um lugar de suposto-saber, mas sim pode vir a ser colocado em um lugar de espectador de suas façanhas, a cena analítica reedita sua vontade de gozo, lembrando que o gozo do perverso depende do não consentimento do outro e da angústia infligida sobre o mesmo. Há na posição do analista, como parte da fantasia do sujeito, a possibilidade de o ver como cúmplice e *voyer* ou sádico e moralista, busca-se desmontar a função do analista mediante o enlace desta função com o objeto de gozo, para tanto, o desafio na clínica com esta estrutura é o de aproveitar o que o sujeito leva à análise para além de suas ações, cabendo ao analista a tolerância ao ódio que aparece na relação transferencial. Ademais, o analista deve atribuir o sentido em doses pequenas e que sejam suportáveis nas encenações do sujeito perverso, propiciando neste trabalho uma saída pela vertente do amor de transferência, pela mudança subjetiva do polo de gozo. Por fim, tendo em vista a colaboração da psicanálise na não estigmatização do perverso no campo da perversidade, e na compreensão da estrutura como forma de lidar com o desejo, entendendo que essa estrutura opera por meio do campo da atuação, salienta-se a importância de compreender a relação com o sofrimento na perversão e as possibilidades de uma clínica para com esses sujeitos, e que, apesar de ser uma clínica desafiadora ao analista, não é impossível. Afinal, o sofrimento do perverso se estabelece na perturbação da relação com seu objeto de satisfação, para tanto, essa relação é atravessada pela sociedade, pelo tempo e principalmente pelo assujeitamento do corpo ao real, compreender esses aspectos sobre a perversão, é entender o sujeito como fruto de seus enlaces e responsável em suas decisões.

Palavras-chave: Psicanálise; Perversão; Sofrimento.

1 - Estudante do 9º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário - UNIVAG
maripaitergozzo@gmail.com

2 - Estudante do 9º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário - UNIVAG
vitorkurossaki@gmail.com

3 - Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário - UNIVAG anna.vaz@univag.edu.br